# REPENSANDO AS CONCEPÇÕES DE ORTOGRAFIA E ERRO VEICULADAS PELA MÍDIA


## Autores

Maria Aparecida de Moraes Piveta
Elizabeth Maria Alcantara
Maria Cecilia Perroni


## 1. Introdução

Lembra-se com freqüência que a mídia contribui por um lado para a democratização da sociedade. Mas, por outro, muitas vezes ela concede espaço a publicações preconceituosas e discriminadoras. É nessa direção que vai o presente trabalho: analisar o tratamento da língua pela mídia, especificamente na abordagem da questão da ortografia: relativamente à ortografia, a mídia contribui para democratização das relações sócio-culturais ou divulga preconceitos?

O estudo apresentado nesse trabalho foi realizado na confluência de duas disciplinas, a saber, Prática de Ensino II, sob a responsabilidade da Profª Maria Cecília Perroni, e Prática de Produção de Textos Acadêmicos II, ministrada pela Profª Elizabeth Maria Alcântara, ambas do Curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa – da Universidade Metodista de Piracicaba.

Seu embasamento teórico encontra-se sobretudo em Possenti (1996), Cagliari (1999 e 2004), Morais (2002 e 2003).

## 2. Objetivos

O presente trabalho tem por objetivo promover uma discussão das concepções de ortografia e de erro veiculadas tanto pela mídia impressa quanto pela televisiva.

## 3. Desenvolvimento

Num primeiro momento, procedeu-se a constituição do corpus: (a) três textos veiculados pela mídia, nos sites www.midiaindependente.org/pt/blue e www.igutenberg.org ; (b) o capítulo 1, da 2ª parte do livro *A Imprensa e o Caos na Ortografia,* de Marcos de Castro.

Posteriormente, foi realizada a análise desse corpus enfocando questões de escrita e fala propostas por Cagliari (1999 e 2004).

## 4. Resultados

Com base na análise do corpus acima citado, pode-se observar que a mídia faz uma enorme confusão entre língua falada e língua escrita. Essa confusão ocorre porque a mídia, ao guiar-se pela gramática normativa,

desconhece as contribuições dos estudos lingüísticos consubstanciados na gramática descritiva. Convém lembrar que segundo Possenti(1996), a gramática normativa é aquela que apresenta um conjunto de regras que devem ser seguidas, pois

"esses compêndios se destinam a fazer com que seus leitores aprendam a ‘ falar e escrever corretamente’. Para tanto, apresentam um conjunto de regras, relativamente explícitas e relativamente coerentes, que, se dominadas, poderão produzir como efeito o emprego da variedade padrão (escrita e/ou oral)" (POSSENTI, 1996, p.64 – 65).

Morais (2002 e 2003) define ortografia como:

"um tipo de saber resultante de uma convenção, de negociação social e que assume um caráter normatizador, prescritivo" (MORAIS, 2003, p.8); "uma convenção social cuja finalidade é ajudar a comunicação escrita" que "funciona assim como um recurso capaz de ‘cristalizar’ na escrita as diferentes maneiras de falar dos usuários de uma mesma língua. Escrevendo de forma unificada podemos nos comunicar mais facilmente. E cada um continua tendo a liberdade de pronunciar o mesmo texto à sua maneira quando, por exemplo, o lê em voz alta" (MORAIS, 2002, p.18 e 19)

que "Para se compreender devidamente o que é ortografia, é preciso saber o que é a escrita e como funciona, porque a ortografia é apenas um tipo de escrita chamado ‘ alfabético’" (CAGLIARI, 1999, p.64).

Cagliari (1999) explica

O autor assevera que "a escrita, na verdade não passa de um uso sofisticado da própria linguagem oral, cristalizada na forma gráfica (...) Toda escrita precisa ser uma representação lingüística e não apenas um desenho, uma figura, um rabisco" (CAGLIARI, 1999, p.65).

Nota-se ainda que Cagliari (1999)

De acordo com Cagliari (1999 e 2004) o sistema de escrita é dividido em:

Escrita Ideográfica - se baseia nos significados, ou seja, nos ideogramas, que são símbolos para as idéias, tais como os números, os sinais de trânsito, etc.

Escrita Fonográfica – se baseia nos significantes, ou seja, nos 23 fonemas. Logo, "depende essencialmente dos elementos sonoros de uma língua para poder ser lido e decifrado. Esse tipo depende crucialmente da ordem linear da escrita, que vem assinalada de uma maneira padronizada" (CAGLIARI, 2004, p.115).

Escrita Alfabética – é centrada num alfabeto, cujas letras corresponderiam perfeitamente aos fonemas.

Escrita ortográfica - é produto de uma convenção, que produziu regras arbitrárias de correspondência: letra – som, ou seja, é imposta por lei, a fim de estabelecer uma forma fixa de grafar as palavras.

Na escrita os erros podem ser classificados em diferentes categorias, tais como cita Cagliari (2004): transcrição fonética, uso indevido de letras, hipercorreção, juntura e segmentação, falta de acentos gráficos, sinais de pontuação, entre outros. A maior parte deles pode ser vista de acordo com a variação lingüística não como erro, e sim, como fenômenos relacionados ao dialeto do falante.

É com base nessas categorias que serão analisados os textos que compõem o corpus desse artigo e que foram veiculados pela mídia.

Os dois próximos textos a serem analisados foram acessados no dia 31/05/06 no site www.midiaindependente.org/pt/blue e são notícias seguidas de comentários.

De início, o lead da notícia intitulada *Relatório do 48º Congresso da UNE* incita:

"Se você é daqueles que não gosta de política ou desse assunto, então pelo menos divirta-se observando os erros de ortografia contidos nesse texto, é uma grande oportunidade para você que quer exercitar seu *postuguêis*" (grifo meu)

Ou seja, deixa claro qual a sua intenção: divertir as pessoas que não gostam de política com os erros de ortografia, como se isso significasse exercitar o português.

Nota-se ainda que o autor do artigo, além de redigir a palavra *português* como *postuguêis* também redigiu *chucalho* ao invés de chocalho na seguinte passagem:

"(...) Em resumo o congresso teve apenas um ínfimo e glorioso momento quando na tentativa de desmoralizar e mostrar seu repúdio à tanta estupidez e alienação e depois de promover uma festa à parte com *chucalho* e berrante de verdade,..." (grifo meu).

As duas palavras em destaque foram redigidas dessa forma porque o autor fez uso da escrita alfabética e não da escrita ortográfica, ou seja, ao grafar as palavras destacadas acima, predominaram as características fonéticas da fala deste indivíduo. Segundo Cagliari (2004), em *chucalho* se escreve o *u* em vez de *o*, e se fala *[u]* e não *[o]* da forma ortográfica *chocalho*. Já na palavra *postuguêis*, além da transcrição fonética que emprega *[eis]* no lugar de *[ês],* há também a ditongação, que é uma tendência fonética do português brasileiro, já que se pronuncia um ditongo que não existe na escrita. Nota-se ainda o uso indevido de letras, como é o caso do *S* no lugar do *R* na palavra *português*.

Um outro caso a analisar é o da notícia intitulada *A questão da miséria*, que será transcrita parcialmente abaixo:

"A humanidade (...) historia, (...) milhões de desempregados (...) vitimas (...) economico (...) trabalhadores. Pior (...) agraria (...) crianças (...)comer e dar de (...) deixa indiguinado (...) vivendo de falacia (...) partidarios

(...) libertarios (...) está almentando o numero (...) pior nivio (...) o real (...) funcionarios publicos (...) VIVA A ANARQUIA."

Primeiramente, o número de palavras vista pela escrita ortográfica como erro de ortografia é bem maior se comparado com a notícia analisada anteriormente. Depois, há o predomínio da falta de acentuação gráfica nas seguintes palavras: *história, vítimas, econômico, agrária, falácia, partidários, libertários, número e funcionários públicos.* Entretanto, nota-se que, na escrita alfabética esse fenômeno a falta de acentuação gráfica não impede a leitura de tais palavras. Só há erro nessa passagem, se ela for considerada na perspectiva da escrita ortográfica. Já as palavras *indiguinado, almentando* e *nivio*, quando analisadas na escrita ,compõem as seguintes categorias:

- Transcrição fonética da palavra indignado, já que se grafou *indiguinado* que é como se fala, ou seja, a forma como se pronuncia.

- Hipercorreção da palavra aumentando, uma vez que é usado o *l* no lugar do *u*, escrevendo-se *almentando*. Isso geralmente ocorre porque o falante já foi corrigido antes por escrever *sal* com *u*, *farol* com *u*, etc.

- Transcrição fonética + hipercorreção + falta de acentuação gráfica, já que ao pronunciar a palavra nível tem-se *[niviu]* e como o autor do texto quis corrigir o *[u]* final fez a substituição pelo *[o]* e ainda não acentuou, deixando a palavra da seguinte forma: *nivio.*

Na seqüência do corpus em análise, encontram-se um texto do site www.igutenberg.org que faz igualmente crítica a erros ortográficos.

No texto acessado no dia 31/05/06 – *Bárbaros são os outros* – tem-se uma crítica jornalística sobre um erro de ortografia cometido por uma apresentadora de TV que no ar indagou: "*i de escada?"*.

Nota-se que ao indagar *"i de escada?"* a apresentadora evidencia desconhecimento da ortografia. Por outro lado, a repercussão desse episódio mostra que a crítica tem origem: (a) no desconhecimento do funcionamento da escrita fonográfica; (b) na supervalorização da ortografia. E é essa supervalorização da ortografia que gera preconceitos do tipo: "Loira Burra".

Ainda mais, na TV tem-se o predomínio das características fonéticas da fala de cada indivíduo, ou seja, cada indivíduo possui o seu idioleto, isto é, uma maneira particular de falar, como se fosse a identidade de fala da pessoa. Logo, se a apresentadora tivesse escrito escada com *i* teria cometido transcrição fonética, mas como ela falou *iscada*, somente reduziu o *[e]* em *[i]*, ou seja, houve fechamento do *[e]* pré-tônico, e isso ocorre porque em *escada,* tem-se o *[e]* imediatamente seguido de uma consoante fricativa alveolar *[s]* e isso poderia ocorrer também com as palavras: *estrela, escola, esperto, esconde* entre outras.

Passando agora ao artigo *A Globo e o futê-bol* - o qual compõe a segunda parte do livro *A Imprensa e o Caos na Ortografia,* espaço em que se trabalha "a desordem na fala"- Castro critica a mídia televisiva por divulgar pronúncias viciosas, como na seguinte passagem:

"A primeira pergunta que dá vontade de fazer a quem pronuncia *futê-bol é porque não pronuncia também basquetê-bol (...) como pode a Rede Globo de Televisão difundir a anos e anos pronúncia tão viciosa?"*

Essas pronúncias são explicadas como inadequadas, já que em *futê-bol* tem-se um exagero na intensidade da vogal *[e],* uma vez que o *[e]* de futebol, na verdade é uma vogal brevíssima, que deveria soar como *[i]* e não como uma vogal longa *[ê]*.

Outra crítica do autor refere-se à escrita *futê-bol*, que parte da seguinte passagem:

"Até já surpreendi alguém dizendo a seguinte barbaridade numa roda em que se discutia o assunto ‘Mas você sabe que afinal esse locutor tem razão, pois é assim que se escreve, ué!’

"

CASTRO nega a afirmação acima transcrita de "dizer que se deve pronunciar determinada palavra de um jeito porque ‘ é assim que se escreve'" e usa como argumento o percurso histórico da fala e da escrita, deixando claro que

"o que deve ocorrer e tem de ocorrer: a fala é que tem de dar normas à escrita. Por um motivo muito simples: a fala é que vem primeiro. Séculos e séculos depois, ou milênios depois é que surge a escrita, que não é mais do que a transcrição da velha fala para um código gráfico convencional" (CASTRO, 2001, p66).

define a escrita como " uma representação da linguagem oral e tem por finalidade a leitura" (CAGLIARI, 1999, p.64) e afirma que o sistema de escrita do português "usa vários tipos de alfabeto; apesar disso não é totalmente alfabético, usando, além das letras, outros caracteres de natureza ideográfica, como os sinais de pontuação e os números" (CAGLIARI, 2004, p.117).

Por sua vez, ainda de acordo com Possenti (1996), a gramática descritiva é aquela que apresenta um conjunto de regras que são seguidas, é ela

"que orienta o trabalho dos lingüistas, cuja preocupação é descrever e/ou explicar as línguas tais como elas são faladas. Neste tipo de trabalho, a preocupação central é tornar conhecidas, de forma explícita, as regras de fato utilizadas pelos falantes – daí a expressão ‘ regras que são seguidas'" (POSSENTI, 1996, p.65).

É na gramática normativa que se encontra a questão da ortografia, a qual é abordada nesse trabalho.

## 5. Considerações Finais

Constatou-se por meio dessa análise a grande influência de fenômenos da fala nas dificuldades impostas pela escrita ortográfica.

Notou-se que a mídia se mantém presa a noções falsas, considerando erro tudo o que foge à norma da ortografia, sem fazer distinção entre escrita ortográfica e fonográfica.

Conclui-se então, que a mídia supervaloriza a ortografia e desconhece o funcionamento da escrita fonográfica. Logo, em seus artigos comete alguns equívocos, os quais divulgam preconceitos, tais como: (a) A loira burra; (b) quem erra ortografia não sabe escrever.

## Referências Bibliográficas


Bal (GEA – PI). **Relatório do 48º Congresso da UNE**. Disponível em site: http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/07/25792.shtml. Acesso em 31 mai 2006.

Boletim nº 33 série eletrônica Julho-Agosto de 2000. **Bárbaros são os outros.** Disponível em site: www.igutenberg. org/jj 33 idio... Acesso em 31 mai 2006.

GANDARELA, Alexandre. **A questão da miséria.** Disponível em site: www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/07/257961.shtml. Acesso em 31 mai 2006.

CASTRO, Marcos de. **A Imprensa e o Caos na Ortografia.** 3ª ed. rev. RJ/SP: Record, 2001.

CAGLIARI, Gladis Massini e CAGLIARI, Luiz Carlos. "A Ortografia na Escola e na Vida". In: ___. **Diante das Letras: a escrita na alfabetização.** Campinas: Mercado das Letras, 1999, p.61-96.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Lingüística.** 10ª ed. São Paulo: Scipione, 2004.

MORAIS, Artur Gomes de. **Ortografia: ensinar e aprender.** 4ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

MORAIS, Artur Gomes de, org. **O aprendizado da ORTOGRAFIA.** 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.